

# IMAGENS, LEMBRANÇAS E HISTÓRIAS DE PETROLINA/PE NA TRADIÇÃO ORAL DA LITERATURA DE CORDEL: CONFIGURAÇÕES LITERÁRIAS DA CIDADE

■ CRISTIAN JAVIER LOPEZ

 <https://orcid.org/0000-0002-7391-8395>

Universidade de Pernambuco

■ DENÍLSON BARROS MOTA

 <https://orcid.org/0009-0002-6976-2815>

Universidade de Pernambuco

■ GILMEI FRANCISCO FLECK

 <https://orcid.org/0000-0002-4228-2566>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

## RESUMO

Petrolina é uma cidade que apresenta uma grande importância cultural, econômica e turística para o desenvolvimento da região do Vale do São Francisco, no estado nordestino do Pernambuco. Nesse sentido, são numerosas as produções literárias de diversos gêneros, como romances, poemas, contos e cordéis que exploram as imagens, do passado ou do presente, dessa cidade, exaltando sua cultura e sua história. Neste artigo, propomos uma reflexão sobre as representações ficcionais de Petrolina, expressadas por meio da literatura de origem oral: o cordel. Para o cumprimento da nossa proposta, o *corpus* de análise é o cordel *Lembrança de Petrolina* (2022), de João Evódio Silva Cesário. Nessa obra, Cesário elabora uma narrativa versificada de caráter oralizada na qual a voz lírica perpassa por diversos elementos que conformam a cultura e a imagem popular da cidade, com destaques para elementos religiosos, os monumentos e as figuras históricas representativas da cidade. Para a escrita do artigo, optamos por uma abordagem bibliográfica e qualitativa e tomamos como base os pressupostos teóricos tanto da área da Literatura quanto da História (Padilha, 1982; Paz, 1991; Fuentes, 1992; Ferreira, 1993; Luz, 1995; Mignolo, 2017; Santos; Apoema; Arapiraca, 2018). Como resultados possíveis apontamos a importância do conhecimento e

as análises das obras que exploram as construções orais populares no Brasil.

**Palavras-chave:** Petrolina. Literatura de cordel. Oralidade.

## ABSTRACT **IMAGES, MEMORIES AND STORIES OF PETROLINA/PE IN THE CORDEL TRADITIONAL ORAL LITERATURE: LITERARY CONFIGURATIONS OF PETROLINA/PE CITY**

Petrolina is a city that presents a great cultural, economic and touristic importance for the valley of the São Francisco river, in the Northeast State of Pernambuco/Brazil. In this sense there are numerous literary works, in different genres, such as novels, poems, short stories and “cordéis” in which the images of the past or the present of the city are explored, exalting its culture and its History. In this paper we aim to reflect about the fictional representations of Petrolina expressed through the original oral Literature in the form of cordel. To fulfill our proposal, we analyze João Evódio Silva Cesário’s work, called *Lembrança de Petrolina* (2022). In this piece of literary work, the author elaborates a versified narrative (cordel) following the orality ways in which the lyric voice passes throughout diverse elements which conform the popular cultural images of the city, highlighting the religious elements, the monuments, and the historical representative figures of the city. To the writing we chose a bibliographic and qualitative research and we took the presumptions of the Literature Theory and History as our basis, among others (Padilha, 1982; Paz, 1991; Fuentes, 1992; Ferreira, 1993; Luz, 1995; Mignolo, 2017; Santos; Apoema; Arapiraca, 2018). As a result of our study, we can highlight the great importance of the literary works which basis in Brazil are the popular oral constructions.

**Keywords:** Petrolina. Literature of cordel. Orality.

## RESUMEN **IMÁGENES, RECUERDOS E HISTORIAS DE PETROLINA/PE EN LA TRADICIÓN ORAL DE LA LITERATURA DE CORDEL: CONFIGURACIONES LITERARIAS DE LA CIUDAD DE PETROLINA/PE**

Petrolina es una ciudad que presenta una gran importancia cultural, económica y turística para el desarrollo de la región del Valle de São Francisco, en el estado nordestino de Pernambuco. En ese sentido, son numerosas las producciones literarias de diversos géneros, como novelas, poemas, cuentos y cordeles que exploran las imágenes, del pasado o del presente, de esa ciudad, exaltando su cultura e historia.

En este artículo, proponemos una reflexión sobre las representaciones ficcionales de Petrolina, expresadas por medio de la literatura de origen oral: el cordel. Para el cumplimiento de nuestra propuesta, el corpus de análisis es el cordel *Lembrança de Petrolina* (2022), de João Evódio Silva Cesário. En esa obra, Cesário elabora una narrativa de carácter oral en la cual la voz lírica recorre por diversos elementos que conforman la cultura e imagen popular de la ciudad, con destaques para elementos religiosos, los monumentos y las figuras históricas representativas de la ciudad. Para la escritura del artículo, optamos por un abordaje bibliográfico y cualitativo y tomamos como base los presupuestos teóricos tanto del área de la Literatura como de la Historia (Padilha, 1982; Paz, 1991; Fuentes, 1992; Ferreira, 1993; Luz, 1995; Mignolo, 2017; Santos; Apoema; Arapiraca, 2018). Como resultados posibles señalamos la importancia del conocimiento y los análisis de las obras que exploran las construcciones orales populares en Brasil.

**Palabras clave:** Petrolina. Literatura de cordel. Oralidad.

## Literatura oral na transmissão do saber: configurações da cidade de Petrolina/PE

Toda a sabedoria humana, todo o conhecimento historicamente acumulado pelos homens ao longo dos séculos, passou, inevitavelmente, em algum momento, pela oralidade. O dom da memória, de acumular recordações, de coleccionar acontecimentos, datas, eventos, nomes, genealogias já foram, em culturas passadas, qualidades distintivas e altamente valorizadas. À época do confronto entre as diferentes comunidades autóctones americanas e os exploradores europeus em suas buscas por uma rota ao Oriente, no final do século XV e início do século XVI, proporcionou o mais intenso choque na comunicação humana: o embate entre a ancestral oralidade das comunidades originárias da América e a já capacidade de simbolização da linguagem, por meio da escrita, dominada por alguns dos europeus dessas primeiras expedições ao nosso continente. Ágrafas, quase sem exceção, eram as comuni-

dades nativas americanas, cujo conhecimento e sabedoria se preservavam pela cultura oral e pelos ritos sagrados da memória transmitidos de geração em geração, conforme relata Carlos Fuentes em sua obra *El espejo enterrado* (1992).

O processo de colonização da América – atroz e devastador para as comunidades originárias – encarregou-se logo de

[...] classificar como inferiores e alheias ao domínio do conhecimento sistemático todas as línguas que não sejam o grego, o latim e as seis línguas europeias modernas, para manter assim o privilégio enunciativo das instituições, os homens e as categorias do pensamento do Renascimento e a Ilustração europeias. As línguas que não eram aptas para o pensamento racional (seja teológico ou secular) foram consideradas as línguas que revelavam a inferioridade dos seres humanos que as falavam (Mignolo, 2017, p. 18-19).

Não resta dúvida, pois, de que todas as línguas faladas em nosso continente foram tidas

como inferiores pelos colonizadores e isso colaborou para que seus falantes fossem considerados seres aptos à modernização, aculturação e ao “salvamento”, apregoados pela retórica da modernidade/civilidade que sustentou a base discursiva da colonização. As línguas europeias “transplantadas às nossas terras” – conforme defende Octavio Paz (1991) – criaram raízes viciosas aqui. Elas não permaneceram alheias à realidade da nova seara em que foram lançadas e geraram novos ramos, deram outros e diferentes frutos, gestaram expressões inusitadas. Assim, as literaturas hoje produzidas no espaço da América Latina

*[...] son literaturas escritas en lenguas trasplantadas. Las lenguas nacen y crecen en un suelo; las alimenta una historia común. Arrancadas de su suelo natal y de su tradición propia, plantadas en un mundo desconocido [...] se transformaron. Son la misma planta y una planta distinta. Nuestras literaturas no vivieron pasivamente las vicisitudes de las lenguas trasplantadas [...] dejaron de ser meros reflejos transatlánticos; a veces han sido la negación de las literaturas europeas y otras, con más frecuencia, su réplica (Paz, 1991, p. 8).*

Entre essas riquezas que as línguas transplantadas transformaram na América está a literatura de cordel, amplamente conhecida e enraizada dentro das manifestações orais do nosso país, cuja tradição europeia atravessou as águas do atlântico entre os marujos que a cultivavam e se assentou firme em solo brasileiro, em especial no chão nordestino.

Conforme defende Silva (2009, p. 245), na história da literatura brasileira, “o texto oral tecido na trama das relações humanas não pode deixar de ser levado em conta”, já que o início da literatura de cordel no Brasil remonta à colonização portuguesa e à tradição oral europeia. Essa, junto com a língua transplantada, seguia a rota dos marinheiros em suas caravelas, no século XVI, que na solidão da longa travessia, contavam histórias em versos para

amenizar os temores que o Atlântico ainda imprimia à época. Assim, esses sujeitos transmitem, oralmente, lendas, aventuras, causos e fatos heroicos, escutados desde os tempos de seus ancestrais. Nesse sentido, Santos e Marinho (2011, p. 07), comentam que “os primeiros folhetos de cordel chegaram ao Brasil pelas caravelas dos portugueses, nas quais trouxeram congeladas em suas memórias o cantador medieval que aqui se reproduziu no repentista nordestino”.

Hoje, ela se apresenta como uma das expressões literárias em estreito diálogo com a transmissão oral, mantendo, assim, a sua ancestralidade. Tal manifestação, que contém uma rica expressão artística e cultural, é difundida não só na região nordeste, mas, também, em outros espaços do Brasil. Sua natureza oral milenar é, também, valorizada como objeto de estudo e de pesquisa em várias partes do mundo.

O cordel, hoje, manifesta-se como uma das origens culturais orais oriundas do processo de colonização europeia, sendo uma expressão de natureza híbrida na sua constituição. Isso ocorre graças ao processo acontecido com nossas literaturas escritas em línguas transplantadas (Paz, 1991), pois a literatura cordelista de origem europeia é, na atualidade, uma arte que conjuga elementos culturais próprios da região nordestina do Brasil, em versos de uma linguagem popular e cadência próprias, demonstrando uma versatilidade única ao explorar diversos temas e assuntos nas suas produções. Essa literatura de origem popular europeia, mas em pleno vigor no século XXI, no Brasil, demonstra muito bem o que expressou Octavio Paz (1981) ao comentar que tais tradições europeias foram as

*[...] que nosotros, con nuestras obras, hemos replantado en el suelo americano. La lengua nos une a otra literatura y a otra historia; la tierra en que vivimos nos pide que la nombremos y así las*

*palabras desterradas se entierran en este suelo y echan raíces. El destierro se volvió transplante* (Paz, 1981, p. 28).

Nesse sentido, a oralidade é o elemento constituinte desse tipo de criação literária, que se caracteriza, em linhas gerais, pelas escolhas lexicais regionalizadas e temáticas de amplo espectro, que seus autores realizam para apresentar suas publicações em folhetos. Como exemplo disso, podemos encontrar, entre outros assuntos, a exploração de fatos do cotidiano como, por exemplo, “brigas”, questões de caráter político, imagens ficcionais dos cangaceiros, elementos próprios da paisagem, da geografia e da cultura nordestina brasileira. Franklin Maxado (2012, p. 65-102) é um dos estudiosos do cordel brasileiro que aponta uma grande variedade de temáticas desenvolvidas nos versos dos cordelistas, apontando que entre eles há os folhetos de época ou de ocasião; históricos; didáticos ou educativos; biográficos; de propaganda política ou comercial; de safadeza; maliciosos ou de cachorrada; cômicos ou de gracejos; de bichos ou infantis; religiosos ou místicos; de profecias ou eras; de filosofia; de conselhos ou de exemplos; de fenômenos ou de casos; maravilhosos ou mágicos; fantásticos ou sobrenaturais; de amor ou de romance amoroso; de bravura ou heroico; vaquejadas; de presepadas ou de anti-heróis; de pelejas ou de desafios; de discussão ou de encontros; de lendas ou mitos; pasquim ou de intriga. Por suas raízes orais, o tom dos versos dos cordelistas muitas vezes é jocoso e irreverente.

Entre essas tantas temáticas recorrentes desse tipo de literatura de caráter oral, está aquela que se volta ao aspecto da religiosidade que é materializado no cordel por meio da menção aos milagres. São parte, também, das temáticas exploradas, como mencionado por Maxado (2012), os atos de heroísmo de pessoas comuns ou histórias apresentadas em círculos

de amigos que eram construídas para falar sobre a morte de personalidades importantes. Além desses aspectos há, também, recorrências às peculiaridades da natureza da região do sertão que marcou o imaginário popular com a dicotomia da seca e da chuva. Em outras palavras, essa versatilidade temática que a literatura de cunho oral tem demonstrado releva a amplidão que tal manifestação literária-oral engloba, com características singulares que vão desde um estilo de escrita próprio, para apresentar, explorar e criar, de uma maneira mais próxima do leitor hodierno, um tipo de literatura de cunho regional, que se alça ao universal, e que busca manter a atenção dos ouvintes, apoiando-se nas rimas e no estilo de escrita metrificado.

Embora seja amplamente estudada a importância desse tipo de expressão literária, cabe estabelecer um contexto para refletir sobre seu destaque no cenário letrado no nosso continente, em especial em regiões que, historicamente, foram, várias vezes, mantidas à margem dos holofotes. Se pensarmos na relevância deste tipo de criação literária ancorada nas bases da oralidade e das expressões populares, é imperioso lembrarmos de que, nas nossas sociedades advindas do processo de colonização, a oralidade desempenhou sempre um papel importante e crucial como forma de manifestação cultural, de expressão do saber e do conhecer no contexto da tradição da cultura popular, cultivada pela parcela subjugada do processo de colonização.

O cultivo da oralidade e de suas múltiplas manifestações, como as rezas, os cantos, as lendas, as preces, as cantigas, as benzeduras, as parlendas, as adivinhações, os ditados populares, sempre foram meios de transmissão do conhecimento, da cultura e dos costumes de uma determinada comunidade, cujas essências transitam de geração em geração através e por meio da fala. Assim,

[...] no contexto das sociedades fundadas na oralidade, ela [a palavra] vai testemunhar, permanentemente, uma relação com o sagrado, ou seja, sua pronúncia é mais do que a lide com um determinado conhecimento: é também – e talvez mais importante – uma confirmação contínua da participação na criação, e isso confere ao processo educativo uma força que talvez se desconheça nos dias de hoje (Santos, 2018, p. 66).

Desse modo, a cultura popular, mantida pela preservação da palavra ancestral, com seus vastos saberes, os eventos históricos acontecidos nas sociedades e as manifestações culturais próprias de cada lugar foram preservados graças ao cultivo da oralidade. O fato de criar narrativas orais nos ajudam, assim, na preservação de costumes e tradições, de crenças e experiências que, talvez, determinadas comunidades tenham assegurado por séculos pela fala como o principal fator para a transmissão dos seus saberes. Além disso, vale ressaltar que, na contemporaneidade, existem diversas comunidades que preservaram a sua história por meio das narrativas orais, utilizando-se de tal veículo para a manutenção, cultivo e valorização de sua cultura popular. Entre elas podemos destacar, como exemplo vivo, as comunidades quilombolas que seguem valorizando a sabedoria popular e a valorização da oralidade dos seus representantes mais antigos, pois, como expressou Carlos Fuentes (1992, p. 378), nesse sistema de cultura presente na América antes da chegada de Colombo, *“los viejos son los que recuerdan las historias, los que poseen el don de la memoria. Se puede decir que cada vez que se muere un hombre o una mujer viejos en el mundo hispánico, toda una biblioteca muere con ellos”*.

Nesse sentido, no presente texto propomos explorar alguns aspectos relacionados à construção identitária/cultural, por meio da oralidade, que se referem à cidade de Petrolina, interior do estado de Pernambuco. A base das nossas análises é a obra *Lembrança de Petrolina*

(2022), de João Evódio Silva Cesário. A referida obra faz parte do gênero cordel que, como foi comentado, além de ser uma manifestação da cultura popular europeia, transplantada ao nosso país onde adquiriu novo viço, sendo muito difundida, consegue explorar aspectos referentes às construções orais populares das regiões interioranas do Brasil. Este tipo de criação literária nos oferece um campo produtivo de estudo sobre seu caráter oral, os aspectos ligados ao regionalismo, sua construção métrica característica e, também, o apoio imagético que as ilustrações com xilogravuras agregam ao conteúdo temático dos versos. Ferreira (1993, p. 53) defende que

[...] a literatura popular do nordeste ajusta, de maneira intensa e atuante, o legado de uma tradição oral ou escrita ao cânone de uma cultura própria, ao esquema de uma ideologia que acorda, discorda ou reabilita. Preside a estes fenômenos a sabedoria do poeta popular que, condiciona sempre a imperativos, aquilo que ele pretende que seja alcance de sua mensagem junto a um público.

Dessa maneira, esperamos, com este texto, contribuir com os estudos que visam a um resgate da memória local por meio da oralidade e da cultura oral presente na região do nordeste e, também ampliar a valorização da literatura de cordel como elemento cultural europeu que aqui foi transplantado, tornou-se rico, expandiu-se e alargou suas fronteiras, sendo material valiosos para o estudo sobre as construções identitárias de uma cidade, dos seus cidadãos e da história do nosso próprio país.

## Imagens de Petrolina: Contando a história de uma cidade

A cidade de Petrolina está localizada a pouco mais de 700 km da capital do estado, Recife, ficando à margem esquerda do rio São Francisco ao longo dos seus mais de cem anos de his-

tória. Petrolina apresenta vários aspectos importantes para o desenvolvimento regional do Vale do São Francisco, tanto na área econômica quanto na educativa e cultural. Atualmente, a cidade conta com uma população de mais de 300 mil habitantes e está classificada entre as melhores cidades do Brasil para se viver<sup>1</sup>.

João Evódio Silva Cesário explora, como tema principal, em sua obra *Lembrança de Petrolina* (2022), as imagens dessa cidade, destacando diversos aspectos relevantes que fazem parte da cultura e identidade de Petrolina. Para isso, o autor aborda diferentes assuntos ao longo do cordel, com o intuito de atingir seu objetivo de expor um retrato literário da cidade: estabelecer uma configuração geral de Petrolina, sua importância e um convite para conhecê-la. Como é de costume nesse tipo de construção literária, o escritor se vale da métrica característica (septilhas com versos heptassílabos – embora existam versos que tendem ao aspecto fonético e não a uma métrica fechada ou exata) e ao longo de suas vinte e seis estrofes passa por uma apresentação geral da cidade, expõe seu espaço geográfico, menciona seus atrativos turísticos, elenca algumas personalidades destacadas e demonstra o desenvolvimento da cidade pernambucana.

Com relação à estrutura dessa forma popular de expressão literária que é o cordel, Meyer (1980, p. 94) afirma que “[...] a poesia impressa nos folhetos é de caráter restrito. A forma mais utilizada é a *sextilha*, isto é, as estrofes têm seis versos ou linhas. [...] O esquema rítmico dos versos é em geral a b c b d b”. Contudo, cabe destacar que “o Nordeste brasileiro não apenas passou adiante os romances em versos trazidos de Portugal, mas lhe deu um formato próprio, criou novos temas, personagens [...]

novas formas de estrofes, novas maneiras de organizar as rimas” (Tavares, 2005, p. 100). Esse processo cultural antropofágico, comum na Literatura Latino-americana em relação às estruturas clássicas europeias, oportunizou que a expressão cordelista do nordeste brasileiro fosse passando da quadra à sextilha, à septilha e à décima, estrofes que hoje são típicas do romance de cordel nordestino.

De modo geral, o cordel *Lembrança de Petrolina* tem a intenção de fazer com que o leitor conheça diversos aspectos sobre a cidade, e sobre sua importância. Da 1ª estrofe até a 10ª estrofe, o eu lírico faz um percurso geral à apresentação da cidade e seu passado, comentando sobre sua localização, sua história, povoamento, origem do nome e sua emancipação. Nas três primeiras estrofes, temos a apresentação do eu lírico da cidade:

No sertão de Pernambuco  
Há uma bela cidade,  
Na beira do São Francisco,  
Que é da melhor qualidade.  
O seu nome é Petrolina:  
Essa linda nordestina  
Já me deixou com saudade.

Situada na divisa  
Do Estado da Bahia,  
Vizinha a Juazeiro,  
Com quem vive em harmonia,  
É a Capital do Sertão:  
No Velho Chico a união  
Se fez brotar em poesia.

Centro agroindustrial,  
Do progresso, a encruzilhada,  
Em razão do seu sucesso  
Ela é assim chamada.  
Dessa riqueza emergente,  
A maior é a sua gente,  
Que é firme, forte e honrada (Cesário, 2022, p. 7).

Conforme podemos observar no início da obra, entre a primeira e a terceira estrofes, o eu lírico faz uma breve apresentação da cidade

1 Para mais informações pode-se consultar os resultados da pesquisa no site Desafios da Gestão Municipal. Disponível em: [https://www.desafiosdosmunicipios.com.br/ranking\\_geral.php](https://www.desafiosdosmunicipios.com.br/ranking_geral.php). Acesso em: 04/02/2024.

de Petrolina em tom exaltador e amoroso. Para tal, vale-se do espaço geográfico como ponto de partida, a fim de contextualizar ao seu leitor sobre o lugar do “sertão pernambucano”, “na beira do São Francisco”, na divisa com o Estado da Bahia, e Petrolina como vizinha/irmã da cidade de Juazeiro. No meio dessa delimitação do espaço geográfico, onde se localiza a cidade, a voz lírica utiliza qualificações com adjetivos que, por um lado, buscam enaltecê-la e, por outro, contrastam com a imagem agreste do sertão. Assim, Petrolina é adjetivada como “uma bela cidade”, “da melhor qualidade”, “linda nordestina” e “Capital do Sertão”. Esse tom elogioso do eu lírico, típico de quem “fala bem” do que gosta, é inerente à linguagem oralizada que se expressa livre e fluidamente.

A primeira estrofe termina com o verso “Já me deixou com saudade”, fazendo referência à cidade que, no verso anterior, obteve a personificação de “linda nordestina”. Esse ponto ganha destaque já que se relaciona diretamente com o título da obra. Uma cidade que não é considerada só um centro social, mas que chega ao ponto de obter um *status* de sujeito que deixa saudades no eu lírico.

Temos, na terceira estrofe, a menção da cidade como a “Capital do Sertão”, além de uma outra característica de Petrolina, de ser reconhecida como a “Encruzilhada do Progresso”, expressões advindas da linguagem popular, daquilo que o povo, de fato, comenta sobre o foco para o qual se dirige o olhar do eu lírico: Petrolina. De acordo com o site da Câmara Municipal de Vereadores de Petrolina, ela é o “Maior Município do Sertão, situado na divisa com o Estado da Bahia, considerado a Capital do Sertão, conhecido como a Encruzilhada do Progresso, Petrolina é o maior polo agroindustrial de Pernambuco”<sup>2</sup>. Vejamos, na descrição

abaixo exposto, as fontes das quais o eu lírico se alimenta para expressar seu amor e admiração pela cidade:

Neste cenário, o início dos grandes investimentos em irrigação vem constituir poderoso fator de crescimento, desencadeado no limiar dos anos 70 pelos efeitos multiplicadores decorrentes da criação dos empregos transitórios e permanentes, associados às obras de construção e manutenção das novas infraestruturas e sustentados pelas atividades que se desenvolveram a partir delas. Para a sustentação desse crescimento contribuíram não apenas as transformações ocorridas na agricultura – relativas à introdução de novas culturas e novas técnicas de cultivo, que se tornaram viáveis pelas modernas tecnologias de irrigação disponíveis –, mas também o surgimento de outras atividades complementares à agricultura irrigada, relativas à instalação de um dinâmico parque agroindustrial (Silva; Rezende; Silva, 2023, p. 49).

Como mencionado acima, podemos corroborar que o desenvolvimento no setor agroindustrial da cidade, que emergiu a partir dos anos de 1970, com os investimentos na irrigação, desencadeou o aumento na geração de empregos, favorecendo a economia da região. Atualmente, Petrolina, bem como todo o Vale do São Francisco, destacam-se na produção e exportação de frutas para todo o mundo. No cordel elaborado por Cesário, desde o início, coloca-se em destaque a importância da cidade para a região e o sentimento de apreço que a voz do eu lírico manifesta em relação a ela, como numa conversa em “compadres”.

Na quarta estrofe, a voz lírica apresenta, além das representações do espaço da cidade, uma breve referência à historiografia da cidade. Para isso, menciona-se o seu antigo nome: “Passagem de Juazeiro”, como podemos observar nos versos abaixo destacados:

No passado, apelidada  
Passagem de Juazeiro,  
Era o lugar de aguardar  
O transporte do barqueiro.

2 Para mais informação o leitor pode consultar o site oficial da Câmara de Vereadores de Petrolina. Disponível em: <https://petrolina.pe.leg.br/historia-do-municipio/>. Acesso em: 04/02/2024.

Antes de a ponte existir  
O povo ficava ali  
Esperando o dia inteiro.

Com essa aglomeração  
De pessoas no local  
Só foi questão de tempo  
Para virar arraial  
E surgiria, após anos,  
A cidade que amamos  
É orgulho nacional (Cesário, 2022 p. 9).

No início da povoação, o vilarejo tinha aquele nome por estar situado na divisa entre Pernambuco e Bahia, exatamente ao lado da cidade de Juazeiro, sendo separadas apenas pelo rio São Francisco. Petrolina, nesse momento, era só um pequeno povoado que servia como um ponto de partida para quem queria atravessar o rio. “A Passagem de Juazeiro” era o local de espera dos canoieiros que faziam o transporte dos passageiros, realidade que mudaria só após a construção da ponte Presidente Dutra, na década de 1950. Esse grande fluxo de pessoas fez com que a pequena vila fosse se desenvolvendo, atraindo moradores e comerciantes. Cabe destacar que a “Passagem do Juazeiro” fazia parte da rota de comércio que ligava Pernambuco com os estados da Bahia e do Piauí, além de outras regiões do Brasil. De acordo com o que relata Antônio de Santana Padilha, na obra *Petrolina no Tempo, no Espaço e na vez* (1982, p. 21),

[...] na rota dos viajantes que demandam as Províncias do Piauí, Ceará e Maranhão ou a região pernambucana de Ouricuri, na travessia do rio São Francisco, defronte da localidade Juazeiro, na Província da Bahia, para atender ao transporte de pessoas e cargas que era feito em canoa entre as margens confrontantes, instala-se o primeiro habitante. improvisa morada, cerca trecho de terra, pesca, planta e inicia o criatório de caprinos, que os viajantes são raros e o tempo lhe sobra. Sabe-se que esse morador tinha o nome de Pedro e que o lugar era conhecido como “Passagem”.

Por estar situada em uma rota de acesso para outras regiões do Brasil, o pequeno povoado denominado “Passagem do Juazeiro”, servia como um ponto de apoio para os transeuntes se aglomeravam na margem do rio a ser transposto para que os canoieiros realizassem a esperada travessia.

Na sexta e sétimas estrofes, o eu lírico coloca um novo assunto em pauta: a construção de um dos espaços religiosos mais representativos da cidade: a Igreja Matriz.

No século dezenove,  
Conforme a história nos diz,  
Construiu-se uma capela,  
Numa atitude feliz,  
Por um frade iniciada.  
Mais tarde foi transformada  
Na Igreja da Matriz.

Veio de Santa Maria  
A imagem da padroeira.  
De origem portuguesa,  
Lá da Ilha da Madeira.  
Recebida em festival,  
Na procissão fluvial  
Alegrou a vila inteira.

Transformada em freguesia,  
Na Lei quinhentos e trinta,  
Logo mais vila, comarca,  
Essa cidade distinta  
Tem a sua trajetória  
Pintada em tela na história  
Que usou fé como tinta. (Cesário, p. 9-10)

A origem da povoação de Petrolina teve uma grande ligação com as missões realizadas pelos frades franciscanos e capuchinhos quando estas se estenderam ao sertão do nordeste. Em 1858, segundo Luz (1995), é iniciada, por frei Henrique, a construção da capela que seria, depois, a catedral e atual Igreja Matriz de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Em 1862, de acordo com o registro de Padilha (1982), a capela foi elevada à categoria de matriz, sendo desmembrada de Santa Maria da Boa Vista e

tendo como primeiro vigário o padre Manoel Joaquim da Silva.

Em vinte e oito de julho  
Foi elevada a cidade.  
Em vinte e um de setembro  
Instalada de verdade.  
Dia da emancipação,  
Sempre é comemoração  
À municipalidade.

A cidade batizada  
Com o nome Petrolina,  
Assim foi em honraria  
À princesa Leopoldina  
E a Dom Pedro Segundo:  
Esse foi gesto fecundo,  
Homenagem bela e fina (Cesário, 2022, p. 10-11).

Nesta parte do cordel, a voz lírica recorda quando houve a emancipação política de Petrolina pela Lei 130, de 28 de julho de 1895. Além de apresentar um breve relato sobre o possível nome da cidade, dentro da tradição oral dos petrolinenses, existe uma discordância sobre a real origem do nome. Alguns afirmam ser em relação a uma “pedra grande” que havia ao lado de onde foi construída a igreja matriz, de acordo com os relatos essa referida pedra, era utilizada para a diversão das crianças que a utilizavam como se fosse um parque infantil, como afirma Padilha (1982, p. 83):

A criança da cidade tinha o seu local de traquinadas. Escorregava, pista para jogo de topeira com castanhas de caju, lugar para torneios de pião, lago quando chovia, para barquinhos de papel, tudo feito pela natureza, enfim, ponto de concentração para a garotada fumar escondido, gastar o tempo gazeando à escola. Do seu topo via-se melhor todo o panorama ribeirinho — o rio, a ilha do fogo, juazeiro defronte, os paquetes com as velas ao vento, para lá e para cá, cheios de passageiros entre as duas cidades fronteiras. Útil, bonita, a Pedra Grande, tinha o seu valor. Contam, até, que foi ela que deu nome à terra. Um visitante importante subira no seu dorso e dissera “Pedra linda. Daí, conclui a lenda do nome “Petrolina”.

A grande pedra existente no local poderia ter dado origem ao nome da cidade de Petrolina. No entanto, dentro da tradição oral sobre a verdadeira origem do nome existe uma outra narrativa de que o nome da cidade é uma homenagem aos imperadores do Brasil, Dom Pedro, e da imperatriz, dona Tereza Cristina. De acordo com Padilha (1982, p. 83) uma outra versão sobre a origem da nomenclatura da cidade: “Aliás há uma outra versão sobre a origem do nome Petrolina — homenagem ao Imperador Dom Pedro e à Imperatriz Tereza Cristina. “Petro”, do primeiro, e “tina”, do segundo”.

Além do mais, o autor, na voz do eu lírico, conta um pouco sobre a história de Petrolina dentro dos versos do cordel, além de fazer algumas menções ao rio São Francisco que tem uma grande importância para o desenvolvimento local e regional. Na 11ª estrofe, o autor traz a imagem do rio São Francisco ao dizer “Seu povo é abençoado pelo Rio e pelo sol. Na seca o astro castiga, mas também é o farol que ilumina a irrigação, traz riqueza ao sertão e da vida ajuda em prol”. Cesário demonstra, nesta breve estrofe, a manifestação dos aspectos sagrados do rio São Francisco, que com suas águas irriga as terras da região, ajudando na produção de alimentos que são exportados para várias partes do mundo, trazendo desenvolvimento para a cidade de Petrolina.

Entre a 12ª e a 14ª estrofe, a voz lírica faz um adendo ao seu desenvolvimento econômico, citando a importância do Rio São Francisco para que a cidade seja um polo de irrigação onde se produz alimentos para o Brasil e para o mundo. O autor faz alguns apontamentos sobre a cidade ser um polo da educação, sobre seu IDH<sup>3</sup> e sobre o seu turismo.

A partir da 15ª até a 21ª estrofe são apresentados no cordel os pontos turísticos da

3 Para mais informação, sugerimos a leitura do Diário de Pernambuco. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2021/02/petrolina-e-a-cidade-com-melhor-qualidade-de-vida-no-nordeste-aponta.html>. Acesso em: 04/02/2024.

cidade de Petrolina. Isso faz com que o leitor, ao ler o texto, tenha um breve conhecimento sobre esses pontos turísticos e suas principais atrações. A voz lírica passa a mencionar construções e espaços culturais e naturais, tais como: a “Catedral feita em pedra”, a Oficina do Artesão, o Museu do Sertão, Ana das Carrancas<sup>4</sup> e sua contribuição na arte plástica. Também são mencionados lugares naturais típicos como a Ilha do Fogo, Rodeador, Massangano, Balneário das Pedrinhas, Serrote do Urubu e a característica orla da cidade. A lista de lugares e espaços termina com o parque zoológico, a Petrolina Antiga, a Casa das Arretadas, o Espaço Sertão das Artes, o Mercado turístico e a rota dos vinhos.

Entre a 22ª estrofe e a 26ª, o eu lírico apresenta em seu texto os nomes de algumas pessoas e sobrenomes de famílias que fizeram parte da história da cidade. Nesse sentido, a voz lírica passa por nomes ligados à política e à cultura da cidade.

#### A terra dos Souza Coelho<sup>5</sup>,

- 4 De acordo com o site Mapa Cultural de Pernambuco, Ana Leopoldina Santos, mais conhecida como Ana das Carrancas, nasceu aos 18/02/1923 e faleceu em 01/10/2008, foi uma artesã ceramista, nasceu no distrito de Santa Filomena, antes pertencente a Ouricuri, em 2006 Ana das Carrancas recebe o título de patrimônio vivo de Pernambuco. Ana das Carrancas viveu parte de sua vida em Petrolina, onde desenvolveu vários trabalhos artesanais de barro que hoje são reconhecidos tanto no Brasil quanto no exterior. Para mais informações sugerimos a leitura do Mapa Cultural de Pernambuco: <https://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/51/>
- 5 De acordo com Padilha (1982, p. 31, 107, 143), em 1913, foi eleito como subprefeito da cidade Clementino de Souza Coelho. É eleito para prefeito de Petrolina em 18/08/1963, José de Souza Coelho. É eleito para prefeito de Petrolina Dr. Geraldo de Souza Coelho em 20/09/1972. Segundo Marta Luz (1995, p. 132), Clementino de Souza Coelho nasceu na Fazenda Pedra, em 23/12/1885, filho de Fernandes Coelho e Joana Carlota de Souza. Casou-se com Josepha de Souza Coelho, teve numerosa prole e conseguiu formar quase todos os filhos homens, por excelentes universidades do Brasil. Morreu inesperadamente em um acidente automobilístico, foi comerciante de peso na cidade, tendo montado uma usina de beneficiamento de algodão, exportado matéria prima (peles, mamona, algodão, etc). O Coronel Quelê foi um dos principais personagens de Petrolina.

Dom Malan<sup>6</sup> e os Cavalcanti<sup>7</sup>,  
Também Geraldo Azevedo<sup>8</sup>,  
Que é cantos importante,  
Vera de Maga e João Gomes<sup>9</sup>  
Só para citar alguns nomes  
Desse lugar deslumbrante. (Cesário, 2022, p. 20).

- 6 De acordo com Luz (1995, p. 77, 114, 118-119), Dom Antônio Maria Malan foi o primeiro bispo diocesano de Petrolina, italiano de Vignale (nasceu em 16/12/1864), filho de pais franceses, foi missionário em missão no Uruguai e executou trabalhos no Mato Grosso. Teve fundamental importância no crescimento e desenvolvimento de Petrolina. Viveu os seus últimos 7 anos em Petrolina onde realizou grandes obras: o Hospital, o Palácio Episcopal, o Colégio Maria Auxiliadora, o Colégio Dom Bosco, sobremaneira, a Catedral neogótica. Morre em São Paulo, no Hospital do Braz, Dom Malan aos 28/10/1931.
- 7 Segundo registra a historiadora Luz (1995, p. 97, 103, 104, 106, 107), Diniz de Sá Cavalcanti foi prefeito entre 1977-1982. Construiu e inaugurou o viaduto dos barranqueiros, a Biblioteca Municipal, o Aeroporto de Petrolina. o prédio do CEAPE - Centro de Abastecimento de Petrolina, o Canal de Drenagem Fluvial e de Esgotos no Alto Cheiroso, o Restaurante Panorâmico na beira do rio, (hoje Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo - SICTUR). Joaquim André Cavalcanti foi prefeito nomeado em 1947. Apesar da rápida gestão, quatro meses apenas como prefeito, Joaquim André Cavalcanti construiu a rampa de acesso ao cais e recepcionou um presidente da república, o General Eurico Gaspar Dutra. Dr. Nestor Figueiredo Cavalcanti foi prefeito entre 1945-1946. Transferiu o Hospital Dom Malan e a maternidade para o Estado. Iniciou a construção do Grupo Escolar Dom Malan. Fez a ampliação do cais. Participou da construção da APAMI. Fez a rescisão do contrato de arrendamento da Ilha do Fogo com o Cel. Clementino de Souza Coelho, para nela a Comissão do Vale instalar 02 geradores de energia elétrica, um para Petrolina, outro para Juazeiro. Foi comandante das comemorações do cinquentenário de Petrolina. José Figueira Cavalcante foi prefeito entre 1907-1910. José Francisco de Albuquerque Cavalcanti foi prefeito entre 1904-1907. Agostinho Albuquerque Cavalcanti foi prefeito entre 1895-1898.
- 8 Geraldo Azevedo nasceu em 11/01/1945 na cidade de Petrolina, ganhou seu primeiro violão quando criança confeccionado pelo pai. Atualmente é conhecido como um dos grandes embaixadores da Música Popular Brasileira. A obra desse petrolinense continua marcando gerações. São mais de 50 anos de parcerias bem-sucedidas, com nomes como Luis Gonzaga, Geraldo Vandré, Alceu Valença, Elba Ramalho e Zé Ramalho. Para mais informações sobre o cantor, sugerimos a leitura do site Geraldo Azevedo. Disponível em: <https://geraldazevedo.com.br/>. Acesso em: 04/02/2024.
- 9 João Gomes é natural de Serrita, município do sertão pernambucano e recentemente se tornou viral nas redes sociais. Ele, que era cantor do coral da igreja, ganhou fama após a música “Meu Pedaco de Pecado” se tornar um fenômeno na rede social Tik Tok. Para mais informações sobre o cantor acesse o site João Gomes. Disponível em: <https://site-banda-jg.vercel.app>. Acesso em: 04/02/2024.

Menciona também sobre sua gastronomia com comidas típicas do sertão pernambucano e da cultura nordestina e, por fim, finaliza o texto, fazendo um convite para que o leitor venha conhecer a cidade. Dessa forma, o cordel faz-se memória coletiva viva do passado, exaltação das benesses do presente e projeções animadoras para o futuro da cidade e da região, ao estender a seus leitores o convite para conhecer e aproveitar dessas oportunidades que a região oferece a seus visitantes.

## Considerações finais

No presente texto, buscamos refletir sobre a importância da oralidade em nossas sociedades no continente americano. Nesse sentido, consideramos que, de acordo com as várias vozes pensantes dentro do espaço latino-americano, a oralidade foi um aspecto fundamental, que cumpriu, e segue cumprindo, um papel preponderante na transmissão dos conhecimentos e preservação de tradições. Independentemente do lugar físico no qual possamos pensar no amplo território continental, a oralidade aparece como fundamento sociocultural. Além disso, cabe destacar que tal característica não ficou presa a um passado remoto e, pelo contrário, faz parte dos modos de expressão nos povos do nosso continente, atualmente.

Dentro do campo das expressões literárias produzidas na América Latina, a literatura de cordel guarda uma estreita relação com esse aspecto fundamental que é a oralidade nas sociedades do continente. Desde suas origens no velho continente, até sua vinda, produção e preservação em terras brasileiras, a literatura de cordel mantém sua vigência nas tradições literárias de caráter popular, extrapolando regiões do país. Essa atualidade que a caracteriza, como uma expressão literária se fundamenta na versatilidade temática que explora diversos assuntos com uma forma de criação

própria que conjuga aspectos como a musicalidade e o caráter popular.

O cordel selecionado para este texto, intitulado *Lembrança de Petrolina*, proporciona um claro exemplo de como uma expressão literária fundamentada na oralidade, encontra-se como expressão importante de uma sociedade. Nesse sentido, a obra escolhida atua como um convite para, por um lado, conhecer o espaço da cidade do interior de Pernambuco, sua história e sua importância para a região. Por outro lado, esse cordel realiza um trabalho de preservação e transmissão de elementos culturais que fazem parte da constituição da sociedade de Petrolina e integram a constituição identitária de seus cidadãos.

Em *Lembrança de Petrolina*, o autor nos apresenta uma voz lírica que se vale de uma linguagem amena, musical e popular, própria do gênero em questão como foi comentado, e nos oferece, como leitores, uma narrativa desde a perspectiva de quem visitou a cidade e guarda uma boa lembrança do lugar. Cesário constrói uma voz lírica que, para a exploração do tema fundamental, a cidade de Petrolina, perpassa por diferentes assuntos de relevância no que tange à construção identitária da cidade. Nesse sentido, o eu lírico destaca ao longo das mais de vinte estrofes aspectos da cultura petrolinense, de modo geral. Para isso, são postos em evidência diversos tópicos como aqueles que dizem respeito ao elemento geográfico – contextualizando o espaço e localização da cidade –, o aspecto histórico – explicando questões como a origem do nome até a sua constituição legal com o *status* de cidade –, a importância econômica – como polo de crescimento na região e lugar de produção –, o elemento cultural – enumerando desde espaços turísticos e personalidades destacadas em âmbitos da política, artes plásticas e música da cidade.

Consideramos, portanto, que, por meio de abordagens ao texto literário, como aquela

que propomos neste texto, o campo dos estudos em literatura continua a ser um espaço frutífero e de uma atualidade inegável. Assim, com o presente artigo, queremos destacar, por um lado, a vigência que a literatura oral, especificamente, o cordel, detém como forma de produção e preservação memorialística. Embora tal expressão artística possua uma tradição que se remonta a séculos de história em nossas terras, na contemporaneidade vale-se desses elementos próprios na criação, contribuindo, de maneira concreta, na preservação da memória. Por outro lado, esse tipo de produção letrada, de caráter popular e com base na oralidade, pode servir como um tipo de criação literária que, além de ser usada como produto propagandístico de uma cidade em concreto – como é no caso analisado nestas páginas –, mostra a importância das tradições orais nos atuais cenários que o país apresenta.

## Referências

- CESÁRIO, João Evódio Silva. **Lembrança de Petrolina**. Petrolina/PE. 1. ed. Editora, impressão e acabamento: cordelaria Castro, 2022.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em cordel**: o passo das águas mortas. São Paulo: Hucitec, 1993.
- FUENTES, Carlos. **El espejo enterrado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- LUZ, Marta. **Cronologia Histórico-Cultural**: Petrolina - “A terra dos impossíveis”. Petrolina, Prefeitura Municipal de Petrolina, 1995.
- MAXADO, Franklin. **O que é cordel na Literatura Popular**. Rio Grande do Norte: Queima Bucha, 2012.
- MEYER, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira., São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>
- PADILHA, Antônio de Santana. **Petrolina no tempo no espaço e na vez**. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1982.
- PAZ, Octavio. Alrededores de la literatura hispano-americana. Conferencia pronunciada por el escritor en la Universidad de Yale [1976]. In: PAZ, Octavio. **In/Mediaciones**. Barcelona: Seix Barral, 1981. p. 25-38.
- PAZ, Octavio. **Convergencias**. Espanha: Seix Barral, 1991.
- SANTOS, Luciany Aparecida Alves; MARINHO, Ana Cristina. Narrativas culturais da Literatura de Cordel brasileiro. **Cultura & Tradução**. João Pessoa, v.1, n.1, p. 01-09, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ct/article/view/13004> Acesso em: 10 mar. 2024.
- SANTOS, Luciene Souza; APOEMA, Keu; ARAPIRACA, Mary. de Andrade. (Orgs). **Contaço de histórias**: seguindo o curso de suas águas. Feira de Santana: UEFS, 2018.
- SILVA, Celso Sisto. A literatura popular: silêncios e murmúrios na história da literatura brasileira. **Le-trônica**, Porto Alegre v. 2, n. 2, p. 233-248. dezembro 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/5534/4627> Acesso em: 10 mar. 2024.
- SILVA, José Maria Alves da; REZENDE, Alberto Martins; SILVA, Carlos Arthur Barbosa da. Condicionantes do desenvolvimento do pólo agroindustrial de Petrolina/Juazeiro. **Revista Econômica Do Nordeste**, 31(1), p. 48-64, 2023. DOI: <https://doi.org/10.61673/ren.2000.1895>.
- TAVARES, Braulio. **Contando histórias em verso**: poesia e Romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Recebido em: 06/04/2024

Revisado em: 20/11/2024

Aprovado em: 27/11/2024

Publicado em: 30/11/2024

**Cristian Javier Lopez** é Doutor em Estudos Literários, pela Universidade de Vigo e Universidade Estadual do Oeste do Paraná. É professor Adjunto de Língua Espanhola e coordenador da Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Membro do grupo de pesquisa Resignificações do Passado da América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização. *E-mail:* [cristian.lopez@upe.br](mailto:cristian.lopez@upe.br)

**Denílson Barros Mota** é acadêmico do curso de Letras Português/Espanhol da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). *E-mail:* [denilson.barrosмота@upe.br](mailto:denilson.barrosмота@upe.br)

**Gilmei Francisco Fleck** é Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis/SP). Professor Adjunto de Literatura Espanhola e Hispano-americana da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* Cascavel. Líder do grupo de pesquisa “Resignificações do Passado da América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. *E-mail:* [chicofleck@yahoo.com.br](mailto:chicofleck@yahoo.com.br)